**Capítulo 1: A pequena estrela**

Desde pequeno eu sempre me pergunto:

— Por que que o sol nasce ali? — estendo a mão para o horizonte.

É uma manhã cinza, assim como todas as outras. Na verdade, eu nem sei por que ainda me importo com isso, com as cores para ser mais preciso. Já sei que há apenas um dia do ano com respiros de vida.

Para falar a verdade é tudo bem sem graça.

As águas escuras do oceano.

Todos esses rostos conhecidos.

Essa plataforma de metal, com pequenas grades para nenhum retardado fazer aquilo.

É tudo bem cansativo.

— Bom dia! — escuto uma voz.

Ao escutar me viro para também o cumprimentar, embora eu já soubesse quem era e nem quisesse fazer o meu turno. E esse cara sempre vestido um uniforme branco, sujo de sangue seco e cheiro de algo podre. A barba a fazer, a respiração pesada, fora de forma, uma careca irritamente brilhante e olhos esbugalhados como um cachorro pedinte.

— O novo açougue certo? — já adiantei.

Ele só acenou com um entusiasmo, igual a um mascote obediente.

Desci da grade de apoio, do lado certo diferente de um certo conhecido meu, e então fui em direção ao novo setor. Passei pela padaria cinza, por um restaurante cinza, uma feira cinza e o grande parque cinza.

De novo.

Por que eu ainda me importo com isso?

Tudo de metal, cinza como céu.

Como sempre foi e sempre será.

Por onde passava cumprimentava todos os mesmos rostos.

— Bom dia, jovem forjador! — disse o padeiro com entusiasmo.

— Bom dia, jovem forjador! — pronunciou o chefe de cozinha, com aquele sotaque assoprado.

— Bom dia, jovem forjador! — quase como um coral acenaram todos os feirantes.

— Bom... dia... jovem... forjador... — sussurrou uma velha no parque.

Essa aí nem se esforçou.

E todos tinha a mesma característica, olhavam para o açougueiro com inveja, porque sabiam que ele tinha sido sorteado.

— Então chegamos? — comentei ao ver o seu estabelecimento.

E aos poucos o meu sangue subiu à cabeça.

Aquele lugar estava aos pedaços.

O metal de suas fundações estava enferrujado, parafusos quase saltavam, os corpos dos animais preso ao ar livre por grilhões, que balançavam junto com o vento e tremores da plataforma.

Nisso já sabia de tinha algo errado.

— Por acaso você tem algum problema mental? — perguntei.

— Ah... Como assim?! — o açougueiro se assustou.

— Já foi dito pelo prefeito que nenhum estabelecimento pode ser aberto antes da forja, na verdade isso é algo que até o meu bisavô saberia!

O açougueiro constrangido tentou dar algumas desculpas.

É que aquilo.

É que não sei isso.

— Chega! — comentei, estendendo a mão direita para o horizonte do mar — Infelizmente você foi sorteado.

A sensação é bem estranha e nunca me acostumo.

Primeiro vem um vento forte, sendo possível ouvir o som do metal rangendo, cintilar de correntes e grilhões, a ferrugem das engrenagens, como se a plataforma pedisse por isso. E quando mal posso esperar há um martelo em minhas mãos.

— Isso é a...

— Sim — interrompi o açougueiro.

Eu chamo de uma maldição, apesar de ser que o que coloca o pão na mesa todo sando dia e durante incontáveis gerações.

É um martelo enorme, porém não há peso nenhum para mim. Um cabo longo para o uso das duas mãos, além de um bloco de metal retangular com cicatrizes de forjas de um passado muito distante. É tão cinza quanto todo o meu mundo, exceto por uma joia dourada e brilhante como o sol, bem no centro do aço.

Coloco a ferramenta levemente no chão, procurei um lugar dentro daquele chiqueiro com um espaço a adequado. Ao encontrar faço o procedimento padrão:

Primeiro estralo meus dedos.

Descanso os meus ombros, depois faço um alongamento de braço para os lados, é bom para evitar a fadiga.

Cuspo em cada mão e então pego essa maldição que chamam de benção.

Levanto o mais alto que eu puder.

E conto

— Um, dois, três.

Assim dando o golpe mais forte que eu puder contra o chão.

E essa é a melhor parte do trabalho, além do alívio de estresse de “quebrar” alguma coisa. Primeiro você vê as ferrugens magicamente indo embora, como se o vento assoprasse essas impurezas. E quando todos os parafusos estão limpos eles voam, encontrado o seu lugar, se sentindo completos.

Placas de metal, antes caídas em pilhas, saltitam animadas de encontro ao seu novo setor. Os grilhões dançam como em um ritmo de festa, enquanto vão se encaixando lentamente ao lado da mesa de corte.

Num piscar de olhos um chiqueiro se torna um açougue de respeito. Embora meu martelo não possa fazer nada sobre a carne de baixa qualidade.

A forja é sempre boa de se ver.

Embora eu tenha preguiça de trabalhar dá um sentimento como se tivesse valido a pena. Toda essa dança das peças e a plataforma falando comigo, isso sempre me anima. Mas o mais importante:

A joia no centro do martelo.

A única cor viva nesse meu mundo cinza.

Então eu me viro para o açougueiro que está aos prantos me agradecendo. Ele tenta me abraçar, mas só de apontar uma ferramenta que pode ser uma arma há um recuo dele.

— Você vai falar para o prefeito?! — esse verme me pergunta preocupado.

— É claro que não — retruco —, está achando que eu sou um monstro?

O sorriso daquele ser vai de uma orelha a outra.

E tenta me abraçar de novo.

Aponto uma “arma” de novo.

E ele se afasta de novo.

Assim meu dia é finalizado com uma forja. Dou uma espreguiçada e, como esperado, o martelo desaparece. Cumprimento com um aperto de mãos aquele porco e sigo o meu caminho, infelizmente lembrando que vou passar por todos aqueles lugares monocromáticos com os mesmos rostos.

Exceto por...

— Que cara é essa? — escuto uma voz familiar